

MÓDULO

**AMAZÔNIA LEGAL NA CONTEMPORANEIDADE:
ENTRE FATOS E ESTEREÓTIPOS**

**CIÊNCIAS HUMANAS
E SOCIAIS APLICADAS**



ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

REALIZAÇÃO:



UMA CONCERTAÇÃO PELA
AMAZÔNIA

PARCERIA:



FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

INSTITUTO IUNGO

Presidente

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

Diretora de educação

ALCIELLE DOS SANTOS

Diretora de estratégia e implementação

JOANA RENNÓ

INSTITUTO REÚNA

Diretora-Executiva

KÁTIA STOCCO SMOLE

UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA

Secretaria Executiva

FERNANDA RENNÓ

LÍVIA PAGOTTO

PARCERIA

BNDES

INSTITUTO ARAPYÁÚ

MOVIMENTO BEM MAIOR

PROGRAMA ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Idealização

FERNANDA RENNÓ (Uma Concertação pela Amazônia)

JOANA RENNÓ (Instituto iungo)

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE (Instituto iungo)

Coordenação geral

SAMUEL ANDRADE

Equipe pedagógica

CARLOS GOMES DE CASTRO

CAROLINA MIRANDA

CYNTHIA SANCHES (Coordenadora)

REGINA TUNES (Coordenadora)

Coordenação de produção

THAMARA STRELEC

Coordenação Instituto Reúna

DANIEL CORDEIRO

Apoio à coordenação

CAMILLY LIMA

STEFANNY LOPES

VANESSA COSTA TRINDADE

CONCEPÇÃO DO PROGRAMA

Equipe

ALCIELLE DOS SANTOS

ANTONIO CARLOS OSCAR JÚNIOR

CARLOS GOMES DE CASTRO

CAROLINA MIRANDA

CLÉA FERREIRA

CYNTHIA SANCHES

FABIANA CABRAL SILVA

FERNANDA RENNÓ

GRAZIELA SANTOS

IZADORA RIBEIRO PERKORKI

JEFFERSON SODRÉ MENESES

JOANA RENNÓ

JULIANA FRIZZONI CANDIAN

KÁTIA STOCCO SMOLE

LÉA CAMARGO

MARISA BALTHASAR

MICHELE BORGES

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

REGINA TUNES

RENATA ALENCAR

RENATA MONACO

SAMUEL ANDRADE

THAMARA STRELEC

Gestores, técnicos e educadores de redes de ensino

ALDEVÂNIA BARRETO DE MATOS - SEED RORAIMA

ALISSON THIAGO PEREIRA - SEDUC AMAZONAS

ANTONIO FONSECA DA CUNHA - SEDUC PARÁ

CARMEM LÚCIA SOUZA - SEDUC AMAZONAS

CLEIBERTON SOUZA - SEED AMAPÁ

DARLETE SOUZA DO NASCIMENTO - SEED RORAIMA

EDILMA DA SILVA RIBEIRO - SEED RORAIMA

STELLA DAMAS - SEED RORAIMA

IRENE PEREIRA - SEED RORAIMA

LUCIA REGINA ANDRADE - SEDUC AMAZONAS

MELINA TONINI - SEDUC RONDÔNIA

MONALISA SANTOS SILVA - SEDUC MARANHÃO

REGINA PEREIRA - SEDUC MARANHÃO

RICARDO SANTA CRUZ - SEED RORAIMA

SALOMÃO SOUZA ALENCAR - SEDUC AMAZONAS

SIMONE BATISTA - SEED RORAIMA

Jovens amazônicos

BRUNA LIMA - RIO BRANCO | ACRE

INGRID MARIA AVIZ DE ARAÚJO - ANANINDEUA | PARÁ

KARINA PENHA - SÃO JOSÉ DE RIBAMAR | MARANHÃO

ODENILZE RAMOS - CARÃO, BAIXO RIO NEGRO | AMAZONAS

OREME IKPENG - XINGU | MATO GROSSO

PEDRO ALACE - AGROVILA ITAQUI, CASTANHAL | PARÁ

Especialistas em educação

ANA LUÍSA GONÇALVES

FERNANDA SAEME

NÁDIA CARDOSO

PAULO CUNHA

THIAGO HENRIQUE

Mobilização de jovens

RICARDO PENIDO

Mapeamento de tecnologias educacionais

PORVIR

**Convidados do seminário de
aprofundamento temático**

DILSON GOMES NASCIMENTO - SEDUC AMAZONAS

MAICKSON SERRÃO - SEDUC AMAZONAS

TATIANA SCHOR

COMUNICAÇÃO E DESIGN

Coordenadora de Comunicação

ANGELA MARIS DO NASCIMENTO

Produção de conteúdo - Comunicação

ANA CATARINA PARISI PINHEIRO
CAMILA SARAIVA GONÇALVES

Identidade visual e projeto gráfico

CLÁUDIO VALENTIN
DENIS LEROY
RENAN DA SILVA ARAÚJO

Assessoria para arquitetura da informação

PORVIR

Plataforma digital

PORVIR (Produção executiva)
SINTRÓPIKA (Design e desenvolvimento)

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Coordenação

PABLO DE OLIVEIRA DE MATTOS

Concepção e redação

ANDRÉ SEKKEL CERQUEIRA
CAROLINE BÁRBARA
KATRINE KATIUSSE DE ANDRADE
SYNTIA ALVES

Leitura crítica

REGINA TUNES
JOSILDO SEVERINO DE OLIVEIRA - SEDUC AMAZONAS
CLADEMES VIEIRA SOUSA - SEED RORAIMA
GUARACI ASSIS PASTANA - SEED AMAPÁ
LUZINÉIA GUIMARÃES ALENCAR - SEDUC MATO GROSSO

Edição pedagógica

CAMILA TRIBESS
CAROLINA MIRANDA

Apoio à concepção - Jovens amazônicas

ELCIANE VALENTE DE MENESES DE ALMEIDA
MARTA RAYANE DA SILVA GOMES

Apoio à concepção - Técnicos e educadores de redes de ensino

EDILENE NASCIMENTO BARBOSA - SEED AMAPÁ
ITALO BRUNO PAIVA GONÇALVES - SEDUC TOCANTINS
MARTA CLEMENTINA SILVA DE MELO - SEED RORAIMA
SHEYLA REGINA JAFRA CORDEIRO - SEDUC AMAZONAS

Especialista temático

GIOVANI JOSÉ DA SILVA

Produção de infográfico

CAMILA TRIBESS

Edição de texto e revisão ortográfica

ANA ELISA FARIA DO AMARAL
DIOGO DA COSTA RUFATTO
JAQUELINE COUTO KANASHIRO
LUCAS TADEU DE OLIVEIRA
MARCIA GLENADEL GNANNI
MARIANE GENARO

Diagramação

NATÁLIA XAVIER
RENAN DA SILVA ARAÚJO
VICTOR SOARES
WELLINGTON TADEU



SUMÁRIO

Módulo - Amazônia legal na contemporaneidade: entre fatos e estereótipos

Ementa do módulo	6
Etapa 1: Estereótipos criados sobre a Amazônia	10
Etapa 2: Origens e atores envolvidos nesses estereótipos	13
Etapa 3: Superando estereótipos	19
Etapa 4: Disputas narrativas e comunicação amazônida	24
Material do estudante	27
Referências	29



Amazônia legal na contemporaneidade: entre fatos e estereótipos

EMENTA DO MÓDULO

Carga horária média sugerida



20 horas

Resumo

Neste módulo, os estudantes vão identificar e refletir sobre estereótipos a respeito da região da Amazônia Legal e seus habitantes. Com base nos conhecimentos e nos recursos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, eles devem elaborar hipóteses e argumentar sobre a natureza desses estereótipos a partir de casos concretos e informações científicas. Os estudantes também vão analisar os atores envolvidos na criação e na propagação desses estereótipos. O módulo encaminhará os jovens à reflexão sobre as disputas de narrativas sobre a região amazônica e sua importância estratégica, tanto nacional quanto internacional. No módulo, os estudantes vão, ainda, elaborar uma peça publicitária/mídia abordando aspectos relacionados aos estereótipos analisados, bem como a superação desses estereótipos.

Expectativas de aprendizagem

- Identificar e refletir sobre os conflitos e os desafios da contemporaneidade relacionados às regiões amazônicas e suas populações.
- Reconhecer os estereótipos vinculados aos territórios amazônicos e suas populações, bem como os atores envolvidos na propagação e na criação desses estereótipos.
- Refletir e argumentar a respeito desses estereótipos com base em conhecimentos e processos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com a finalidade de avaliá-los criticamente.

Este módulo integra a unidade curricular “Formação da região amazônica: fronteiras, territórios e desigualdades” do programa Itinerários Amazônicos. Para conhecer esta e as demais unidades curriculares, acesse www.itinerariosamazonicos.org.br.





Competências gerais da BNCC

CG 1 e CG 2

EIXOS ESTRUTURANTES

Mediação e intervenção sociocultural

Processos criativos

OBJETOS DE CONHECIMENTO

Degradação ambiental; formação econômica da região amazônica; formação urbana da região amazônica; bioeconomia; desenvolvimento; sustentabilidade.

HABILIDADES DA ÁREA DO CONHECIMENTO

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

HABILIDADES DOS EIXOS ESTRUTURANTES

(EMIFCHSA06) Propor e testar soluções éticas, estéticas, criativas e inovadoras para problemas reais relacionados a temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global.

(EMIFCHSA07) Identificar e explicar situações em que ocorram conflitos, desequilíbrios e ameaças a grupos sociais, à diversidade de modos de vida, às diferentes identidades culturais e ao meio ambiente, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, com base em fenômenos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

(EMIFCHSA08) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para propor ações individuais e/ou coletivas de mediação e intervenção sobre problemas de natureza sociocultural e de natureza ambiental, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, baseadas no respeito às diferenças, na escuta, na empatia e na responsabilidade socioambiental.

(EMIFCHSA09) Propor e testar estratégias de mediação e intervenção para resolver problemas de natureza sociocultural e de natureza ambiental, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA LEGAL NA CONTEMPORANEIDADE:

ENTRE FATOS E ESTEREÓTIPOS

FOCO DAS ETAPAS

Etapa 1: Estereótipos criados sobre a Amazônia

Carga horária média sugerida: 4 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Identificam e refletem sobre os estereótipos criados a respeito da Amazônia e suas populações.
- Sistematizam os principais aspectos narrativos relacionados a esses estereótipos, a fim de criar um mapa mental, sintetizando assim as disputas discursivas e ideológicas dessas narrativas.

Etapa 2: Origens e atores envolvidos nesses estereótipos

Carga horária média sugerida: 6 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Compreendem e refletem sobre os atores envolvidos na criação e na propagação dos estereótipos da população amazônica.
- Elaboram, a partir da estratégia da sala de aula invertida, hipóteses a respeito das disputas narrativas envolvendo as regiões amazônicas e seus aspectos centrais do ponto de vista histórico.
- Analisam e refletem sobre campanhas publicitárias relacionadas às regiões amazônicas ao longo da história.

Etapa 3: Superando estereótipos

Carga horária média sugerida: 4 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Analisam e refletem sobre dados e informações científicas de variadas fontes que apoiem a avaliação crítica a respeito dos estereótipos criados e das disputas narrativas envolvendo as regiões amazônicas.
- Sistematizam e elaboram infográficos que comuniquem e avaliem criticamente as disputas narrativas envolvendo as regiões da Amazônia.

Etapa 4: Disputas narrativas e comunicação amazônica

Carga horária média sugerida: 6 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Refletem e elaboram estratégias de comunicação que confrontem estereótipos a respeito das regiões amazônicas.
- Produzem peças publicitárias que argumentem criticamente sobre os estereótipos e divulguem as descobertas do módulo.

Estratégias de ensino e aprendizagem

- Trabalho colaborativo: os estudantes elaboram peças publicitárias avaliando criticamente estereótipos a respeito das regiões amazônicas e suas populações.
- Pesquisas orientadas a partir da metodologia da sala de aula invertida: com base em orientações prévias do docente, os estudantes coletam informações e estabelecem relações sobre os atores envolvidos nas disputas narrativas e os estereótipos criados e propagados a respeito das regiões amazônicas.





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA LEGAL NA CONTEMPORANEIDADE:

ENTRE FATOS E ESTEREÓTIPOS

Avaliação

A avaliação das etapas do módulo se dará de forma processual: A partir do questionamento inicial sobre os estereótipos a respeito das regiões amazônicas, é possível iniciar o módulo com uma avaliação formativa sobre os conhecimentos prévios dos estudantes. Atenção especial pode ser dada na forma como estes comunicam esses estereótipos e os avaliam criticamente. Tendo em vista a progressão das análises sobre os estereótipos, há a possibilidade de se registrar as etapas para a realização de uma apropriação de resultados ao final do processo. Com as produções das peças publicitárias, é possível avaliar a criatividade, o poder de síntese e a precisão conceitual, tendo em consideração os processos relativos às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.



ETAPA 1: ESTEREÓTIPOS CRIADOS SOBRE A AMAZÔNIA

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 4H

ACONTECE NA ETAPA

- Identificação e reflexão sobre estereótipos criados a respeito da Amazônia e suas populações
- Quadro-síntese com os principais aspectos narrativos relacionados a estes estereótipos



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 4 horas

Nesta etapa, os estudantes vão identificar os desafios e os problemas relacionados à criação e à propagação de estereótipos sobre a Amazônia e suas populações, com ênfase nos povos indígenas. Com base na aprendizagem baseada em problemas, eles vão definir e elaborar um diagnóstico inicial do problema (criação e propagação de estereótipos sobre a Amazônia e suas populações), partindo da análise e da reflexão sobre os principais aspectos narrativos articulados na criação desses estereótipos. Como forma de sistematizar e organizar esse cenário inicial, será elaborado um quadro-síntese com as conclusões dessa análise. A etapa representa o início do percurso de aprofundamento da habilidade EM13CHS101 da área, por meio da identificação dos estereótipos a fim de que se compreendam os principais aspectos narrativos a eles vinculados.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando aos estudantes as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando o módulo e a etapa. O infográfico deste módulo pode ser útil para essa mediação. Em seguida, questione a turma sobre os estereótipos que já ouviram a respeito da região amazônica e de seus habitantes. Realize uma breve tempestade de ideias com a turma a fim de levantar os conhecimentos prévios sobre esses estereótipos. Para isso, mobilize algumas questões norteadoras:
 - Como a Amazônia é vista pelas pessoas de outros estados do Brasil? E pelas pessoas de fora do Brasil?
 - Como as populações amazônicas são vistas e retratadas na mídia?
 - Existem estereótipos sobre a Amazônia e sua população criados por habitantes das regiões amazônicas?



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - AMAZÔNIA LEGAL NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRE FATOS E ESTEREÓTIPOS

- Quais estereótipos mais absurdos e fora da realidade vocês já ouviram ou leram sobre as populações dessa região?
2. Oriente os estudantes a organizar uma lista com esses estereótipos em um cartaz ou em algum local que possibilite consultá-lo posteriormente.



DESENVOLVIMENTO

3. Para aprofundar a questão dos estereótipos, discuta os fragmentos do texto de Chimamanda Adichie, que pode ser encontrado na seção Material do estudante, referente a esta etapa. Outra opção é exibir a palestra em vídeo [Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história | TED | YouTube](#)¹ (versão com legendas em português). O exercício pode ser realizado em grupo, de maneira que se estimule a aprendizagem colaborativa. Solicite aos grupos que respondam às questões e debatam:

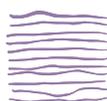
- Como eram as primeiras histórias que Chimamanda escrevia?
 - O que o contato com a literatura africana mudou em sua vida?
 - Qual era a imagem que Chimamanda tinha de seu amigo Fide?
 - Qual era a imagem que a colega de quarto tinha de Chimamanda quando ela chegou aos EUA?
 - O que é a “história única” a que a autora se refere?
 - Como é possível combater a história única?
4. Na sequência, promova um debate com a socialização das respostas dos grupos. O objetivo é garantir que a turma compreenda que as estratégias narrativas que organizam os estereótipos são redutoras da diversidade e incorrem no perigo da história única, citada por Chimamanda. Retome a lista de estereótipos elaborada na tempestade de ideias do Ponto de partida e incentive os estudantes a estabelecer relações entre os estereótipos e a narrativa da história única. Espera-se que a turma consiga identificar os traços redutores e preconceituosos apontados na lista e elaborar um diagnóstico inicial do problema relacionado aos estereótipos.



SISTEMATIZAÇÃO

5. Reunidos nos grupos, convide os estudantes a propor uma classificação dos estereótipos por tema, em um quadro-síntese: sobre as regiões da Amazônia ou sobre suas populações; estereótipos que se baseiam em aspectos da natureza ou em aspectos raciais; que evocam a região enquanto espaço inóspito e desabitado ou como Eldorado repleto de riquezas, por exemplo. O objetivo é que esses quadros-síntese sistematizem os estereótipos listados, classificando-os conforme a compreensão da turma. Esses quadros subsidiarão as etapas subsequentes.

¹ Todos os links indicados neste material foram acessados em março de 2023.



Eixos estruturantes em ação

Na etapa inicial, a habilidade do eixo Processos criativos, EMIFCHSA06, é aprofundada por meio das propostas e das soluções éticas a respeito do combate à história única, por exemplo. Já a habilidade do eixo Mediação e intervenção sociocultural, EMIFCHSA07, é aprofundada na elaboração do quadro-síntese, na medida em que os estudantes identificam e explicam as situações relacionadas à criação e à propagação de estereótipos a respeito da Amazônia.

Avaliação em processo

A avaliação da etapa se dará de forma processual. Os estudantes podem ser avaliados segundo a compreensão deles a respeito do conceito de história única, da autora Chimamanda Adichie. Considere a leitura e a sistematização do texto como um dos momentos para essa avaliação. Os estudantes também poderão ser avaliados na elaboração do quadro-síntese. Levando em conta que esse exercício é parte da aprendizagem baseada em problemas, é possível avaliar se os estudantes foram capazes de: definir e elaborar um diagnóstico inicial a respeito dos problemas em análise; estabelecer relações coerentes entre os estereótipos identificados e os temas gerais indicados no quadro; e articular as reflexões a respeito do conceito de história única. Atenção especial pode ser dada na forma como os estudantes interagem na estratégia de aprendizagem colaborativa. Estimule a autoavaliação deles ao final da etapa, com base na apropriação de resultados do quadro-síntese. Crie oportunidades para que eles analisem o que aprenderam e se atingiram a sistematização das informações de forma satisfatória. Para ampliação de conhecimentos e de repertório sobre práticas avaliativas, recomendamos a realização da Trilha de Aprendizagem do componente [O lugar da avaliação | Programa Nosso Ensino Médio](#).



ETAPA 2: ORIGENS E ATORES ENVOLVIDOS NESSES ESTEREÓTIPOS

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 6H

ACONTECE NA ETAPA

- Compreensão das bases históricas dos estereótipos sobre a Amazônia e suas populações e reflexão sobre essa questão
- Análise crítica de campanhas publicitárias relacionadas às regiões amazônicas



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 6 horas

Esta situação de aprendizagem convida os estudantes a ampliar a compreensão do problema e a investigar as dinâmicas discursivas dos estereótipos e suas bases históricas e filosóficas, qualificando e avançando o debate sobre a história única. Por meio da identificação, da análise e da comparação de diferentes fontes e narrativas expressas em campanhas publicitárias diversas, a turma será capaz de aprofundar a habilidade da área EM13CHS101, seguindo na aprendizagem baseada em problemas. A perspectiva é que, ao fazer esse trajeto, os estudantes aprofundem o uso de conceitos centrais de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, bem como exercitem habilidades analíticas que lhes deem ferramentas para identificar e explicar situações de preconceito e ameaças às identidades amazônicas, atuando na mediação e intervenção sociocultural no âmbito local e regional, ampliando, dessa forma, a habilidade EMIFCHSA07.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando aos estudantes as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa. Como forma de sensibilizar os estudantes a respeito desta etapa, mencione que o percurso foca a análise das origens históricas e os atores envolvidos nas teses e formulações que dão base aos estereótipos sobre a Amazônia e seus habitantes. Recomenda-se que sejam usados, nesta etapa, os quadros-síntese elaborados na etapa anterior. Considerando as classificações apontadas nos quadros, inicie uma breve tempestade de ideias em que os estudantes se posicionem a respeito do que pensam ser as bases históricas das narrativas relacionadas aos estereótipos elencados. A turma pode ser mobilizada por meio das seguintes perguntas norteadoras:



- Quais são as raízes históricas e filosóficas desses estereótipos?
- Quais narrativas fornecem as bases para tais estereótipos?
- Quais contextos históricos podem ser apontados como produtores de narrativas redutoras e preconceituosas sobre os habitantes das regiões amazônicas?

É provável que, em um primeiro momento, a turma associe tais estereótipos ao preconceito, à falta de informação etc. Anote as principais contribuições.

2. Ao longo da tempestade de ideias, conduza o debate para a qualificação das hipóteses iniciais. Espera-se que a turma seja capaz de apontar e/ou identificar aspectos ligados ao racismo, ao discurso colonial e aos discursos a respeito da ocupação das regiões amazônicas construídos ao longo do século 20 no Brasil. Esse momento pode servir para fazer uma avaliação diagnóstica da turma em relação aos conhecimentos da Formação Geral Básica.



DESENVOLVIMENTO

3. Na sequência, organize uma aula dialogada a respeito dos contextos e das matrizes de pensamento que dão base aos estereótipos sobre a Amazônia e seus habitantes. Utilize as indicações dos boxes Saiba mais e Diálogos amazônicos, a fim de mediar o percurso. Considere a possibilidade de trabalhar em grupos a leitura dos conceitos disponíveis nos boxes e de organizar um debate mediado a respeito da relação entre tais conceitos e as categorias de estereótipos indicadas no quadro-síntese da etapa anterior. O objetivo deste exercício é permitir aos estudantes que qualifiquem tanto as hipóteses apresentadas no Ponto de partida quanto o conceito de história única. Incentive-os a perceber como os conceitos de darwinismo social, colonialidade, determinismo geográfico e biológico e racismo científico coabitam a noção de história única e concedem as bases para muitos estereótipos propagados sobre a Amazônia e seus habitantes.

Diálogos Amazônicos

Este texto permite refletir sobre os povos indígenas e a colonialidade, bem como o impacto do etnocentrismo na elaboração de estereótipos a respeito dos povos amazônicos.

Na história, nas pessoas, no trabalho, sentimos e vivemos, ainda hoje, diversos aspectos coloniais. Para os povos indígenas, essa colonialidade é ainda tão perversa quanto o foi antigamente. “O que conhecemos sobre o país é uma versão hegemônica criada dentro da academia, a qual afirma que tudo começou em 1500 e apenas são lembrados nomes de homens brancos. Não se considera a diversidade linguística e de povos indígenas que aqui viviam”, afirma Edson Kayapó, liderança e ativista do movimento indígena e docente no Instituto Federal da Bahia (IFBA) campus Porto Seguro e no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

O processo histórico colonizador imposto aos povos indígenas deixou e ainda deixa marcas na forma como nos relacionamos e trabalhamos com as pessoas indígenas. Rodrigo Mariano, indígena Guarani Mbya da comunidade Tekoa Ka’aguy Porã, Terra Indígena Guarita (Eral Seco/RS), e estudante do curso de Direito na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), afirma que esse processo é naturalizado e reproduzido de várias formas. “Fomos colônia e continuamos



sendo, principalmente em relação aos povos indígenas, devido às várias tentativas genocidas de apagar toda a nossa existência, cultura e conhecimentos tradicionais. A colonização acabou com muitas maneiras de resistir dos nossos povos e ainda somos invisibilizados”, reitera. Como exemplo, o estudante traz a vivência de estar em um espaço universitário, ocupado majoritariamente por pessoas não indígenas. “Querem colonizar também nosso pensamento, como se existisse apenas uma forma de pensar. Somos impedidos de levar para os cursos a nossa visão como povo indígena, não há abertura para outras discussões na academia”, afirma Rodrigo (HUBERTY, 2019).

Saiba mais

Leia os trechos a seguir para compreender os conceitos de darwinismo social, determinismo biológico e geográfico e racismo científico.

Darwinismo social

Darwinismo social é o nome dado a uma teoria que busca compreender as sociedades humanas e as relações possíveis entre elas. Embora não seja uma produção intelectual do biólogo britânico Charles Darwin, essa teoria recebe seu nome devido à tentativa de aplicar pressupostos da teoria da evolução – que diz respeito às características biológicas dos seres vivos – ao contexto social.

A perspectiva pregada pelos adeptos do darwinismo social considera a extinção de algumas sociedades como parte integrante do processo evolutivo. Desse modo, o princípio de seleção natural de que fala Darwin se aplicaria às sociedades. Essa perspectiva teórica tem as ideias de progresso e hierarquização racial como centrais para o entendimento das relações entre as sociedades. O darwinismo social surgiu no século XIX e tem Herbert Spencer como principal mentor. [...]

O darwinismo social também apresenta uma forte associação com a disseminação das ideias racistas. Como já foi dito, essa teoria pregava a existência de sociedades superiores às outras. E a atribuição do status de superioridade estava sempre associada às comunidades brancas, europeias. Os povos negros, comunidades indígenas e orientais sempre ocupavam estratos mais baixos na hierarquização promovida por essa teoria (SENA, 2020).

Determinismo biológico

[...] O determinismo biológico, associado ao que conhecemos como darwinismo social, foi criado para justificar por que algumas etnias deveriam ser consideradas superiores às outras. O determinismo biológico foi usado como justificativa para várias situações tenebrosas da história da humanidade, como, por exemplo, o nazismo, onde Adolf Hitler pregava a superioridade da “raça ariana” sobre as demais. O determinismo biológico é baseado em uma série de estereótipos, como, por exemplo: todo asiático tem inteligência acima da média, negros são melhores em esportes e europeus são culturalmente mais elevados (RIBEIRO, [20--?]).



Determinismo geográfico

[...] Um dos primeiros geógrafos modernos a colocar o homem e sua cultura no centro da análise geográfica e a enfatizar a cultura como elemento de produção do espaço geográfico foi o alemão Friedrich Ratzel – que também era antropólogo. Este, no século XIX, propunha uma antropogeografia, tendo por base seus estudos sobre demografia e sobre o espaço urbano, que o levou à noção de “espaço vital”, bastante difundida na geografia de sua época. Neste momento, que marca o surgimento da geografia moderna, predominava na disciplina o determinismo geográfico/ambiental, ou seja, a noção de que a experiência dos grupos humanos é determinada pelo ambiente que ocupam [...] (AMPARO, 2007).

Um dos principais legados desta geografia são as explicações climáticas para o suposto atraso das nações tropicais e tantos outros fenômenos os quais se tentava justificar pela natureza de seus sítios geográficos, determinantes, portanto, da própria identidade de seus povos. Esta perspectiva foi duramente atacada por outras correntes que surgiram à época, principalmente à luz dos trabalhos de Humboldt e Ritter (considerados os primeiros geógrafos da era moderna, na Alemanha) e de Vidal de La Blache, para quem esta concepção minimiza o papel do homem e de sua cultura na transformação do meio em que vive (AMPARO, 2007 apud MOREIRA, 1994).

Racismo científico: Amazônia e relatos de viajantes no século 19

Ao longo dos séculos vimos que um número grande e diversificado de visitantes estrangeiros deixou de herança uma rica e diversificada produção de relatos documentados, como diários, cartas, relatórios, desenhos, pinturas, romances, crônicas etc. que ajudaram a criar diversas representações sobre a Amazônia (OLIVEIRA, 2020 apud GONDIM, 2007).

Tais relatos construídos a partir dessas narrativas ajudaram a criar imagens distorcidas sobre o Brasil e sua população. Contudo, é preciso destacar que grande parte dessas narrativas remete a algumas questões, como a expansão do imperialismo europeu; nesse sentido, as viagens, e consequentemente seus subprodutos, estariam a serviço da expansão colonialista. A descrição da Amazônia como terra virgem, selvagem, habitada por criaturas estranhas, tribos exóticas e canibais, inculta, inferior, desconhecida, hostil, misteriosa, fascinante que deve ser conquistada, explorada, conhecida e divulgada ocorre a partir da visão colonialista impregnada pelo discurso da dualidade, pois ora região é retratada como paraíso perdido ora como inferno escaldante. Segundo Fernandes; Carvalho e Campos (2020, p. 11):

[...] Essa tensão entre a imagem positiva e a imagem negativa da natureza e do homem em contato com ela é importante para nós, na medida em que comanda a discussão sobre o racismo científico e a inferioridade dos povos não-europeus, que marcará a cultura brasileira do século XIX (OLIVEIRA, 2022).

No artigo [Amazônia: naturalistas-viajantes, racismo científico e a inferioridade de indígenas e negros | Arthur Henrique de Oliveira | Núcleo do Conhecimento](#), é possível entrar em contato com diversas matrizes de pensamento ocidental que impuseram e impõem uma série de narrativas que inferiorizam os povos amazônidas.



4. Nesse momento, os estudantes, em grupos, analisarão campanhas publicitárias que tenham como tema central a Amazônia ou quem os criadores dessas campanhas acreditam ser seus habitantes. Consulte o boxe De olho nas estratégias, a fim de acessar as campanhas publicitárias e os textos de apoio. Organize a turma de forma que cada grupo analise ao menos uma imagem. Para cada imagem, os grupos devem identificar:

- o contexto de criação da campanha;
- os criadores/divulgadores dos estereótipos ou das campanhas (órgãos públicos da ditadura militar, marca de roupas, produtos alimentícios, edições jornalísticas etc.);
- estereótipos presentes na imagem (“floresta selvagem”, “terra inóspita”, “inferno”, “paraíso ou Eldorado”, “indígenas estagnados no tempo”, “aspectos homogeneizantes” etc.).

5. Depois de feita a análise, os grupos socializarão entre si suas percepções a respeito das campanhas. Solicite aos estudantes que estabeleçam relações entre os discursos e as narrativas presentes nas imagens com os conceitos trabalhados até o momento.

De olho nas estratégias

Para sua orientação nesta atividade, considere consultar os artigos [“A Amazônia já era!”: como a imprensa glorificou a destruição da floresta na ditadura militar | Fernanda Wenzel | Instituto Humanitas Unisinos](#) e [A ofensiva da ditadura militar contra a Amazônia | Folha de S.Paulo](#), que trazem imagens referentes à campanha de ocupação da Floresta Amazônica na segunda metade do século 20 durante a ditadura militar. As narrativas sobre a floresta selvagem, inóspita, inabitada e que deveria ser “derrotada” pelo ser humano (civilizado) vinculam-se às narrativas dos viajantes do século 18 ou ao racismo científico do século 19, tal qual apresentado no boxe Saiba mais.

As representações de indígenas com penachos, cocares e pinturas corporais e, na maioria das vezes, nus remetem a narrativas deterministas e coloniais, associando as regiões amazônicas necessariamente aos indígenas. Essas narrativas também consideram esses povos incapazes de transformarem-se e adaptarem-se ao modo de vida dos não indígenas ou ao contexto urbano. Esse debate pode ser ampliado com os artigos [“Somos invisibilizados”: indígenas denunciam preconceito nas cidades brasileiras | Karla Mendes | Mongabay](#) e [Indígenas lançam campanha contra estereótipos para o Dia do Índio: “Não precisamos de outras pessoas para nos definirem” | Bárbara Vieira | G1](#).

Outro ponto relevante a respeito das representações de indígenas em propagandas comemorativas vincula-se ao racismo, que homogeneiza e apaga as especificidades e as particularidades desses povos. Nesse caso, é interessante refletir sobre a presença de indígenas da América do Norte nas campanhas publicitárias do achocolatado Toddy, que eram direcionadas ao consumidor brasileiro: [Toddy \(Concurso Índios\) - 1967 | Dalmir reis Jr. | Propagandas Históricas](#). Já na imagem publicitária de uma marca de jeans, é interessante notar as expressões das mulheres indígenas na foto. O artigo [Marca de jeans recebe duras críticas por campanha com modelos brancos desfilando em tribo indígena | Suzana Camargo | Conexão Planeta](#) oferece uma boa reflexão sobre essa campanha publicitária, seus atores e matrizes de pensamento que deram base a essa narrativa.



SISTEMATIZAÇÃO

6. Peça aos estudantes que elaborem mapas mentais partindo dos estereótipos identificados na campanha publicitária. Os mapas mentais devem citar os atores envolvidos na produção da campanha, o contexto de criação da campanha e as conexões com conceitos, ideias filosóficas e processos históricos que dão base para tais estereótipos. Além disso, os mapas permitem a sistematização de informações relevantes a respeito das campanhas publicitárias, bem como indicar as relações entre os estereótipos identificados com conceitos e processos históricos, filosóficos e sociológicos, possibilitando o aprofundamento da habilidade de área EM13CHS101.

Eixos estruturantes em ação

A habilidade EMIFCHSA04 do eixo Processos criativos se dá nesta etapa por meio do reconhecimento das peças publicitárias analisadas e da reflexão sobre elas. Já a habilidade EMIFCHSA06, do eixo Processos criativos, é mobilizada na elaboração dos mapas mentais, uma vez que os estudantes são convidados a propor e testar soluções estéticas e criativas para compreender problemas reais e temas das Ciências Humanas.

Avaliação em processo

A avaliação da etapa se dará de forma processual. A elaboração dos mapas mentais deve ser tomada como um processo que passa pelo aprimoramento e pela qualificação dos quadros-síntese da etapa anterior. No Ponto de partida, é possível realizar uma avaliação formativa acerca da compreensão a respeito dos debates e dos objetivos da etapa anterior. O momento Desenvolvimento deve possibilitar que os estudantes sejam capazes de compreender os conceitos trabalhados e sua aplicação na análise das campanhas publicitárias. Já a elaboração do mapa mental deve ser entendida como sistematização e síntese dos debates promovidos na etapa. Considere promover a possibilidade de autoavaliação dos estudantes por meio da socialização dos mapas mentais.



ETAPA 3: SUPERANDO ESTEREÓTIPOS

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 4H

ACONTECE NA ETAPA

- Análise e reflexão sobre dados e informações científicas de variadas fontes que apoiem a avaliação crítica a respeito dos estereótipos criados e das disputas narrativas envolvendo as regiões amazônicas
- Produção de infográficos que comuniquem e avaliem criticamente as disputas narrativas envolvendo as regiões amazônicas



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 4 horas

Nesta etapa, os estudantes vão analisar dados e informações científicas de diversas fontes e refletir a respeito dos estereótipos a fim de superá-los, compreendendo as disputas de narrativas envolvendo a Amazônia e seus habitantes. Essas ações correspondem à sequência da aprendizagem baseada em problemas e proporcionam aos estudantes que ampliem a compreensão a respeito de formas de enfrentar o problema analisado. Por meio de conhecimentos e operações próprios das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, os estudantes vão confrontar narrativas redutoras da realidade amazônica, aprofundar a compreensão de conceitos e categorias que reforçam estereótipos e avaliar criticamente contextos históricos de criação e reprodução desses estereótipos. O aprofundamento da habilidade EM13CHS101 é complementado com as habilidades dos eixos estruturantes de Processos criativos e Mediação e intervenção sociocultural. A habilidade EMIFCHSA07 é trabalhada na identificação dos estereótipos e problemas decorrentes de sua propagação; já a habilidade EMIFCHSA06 é trabalhada ao possibilitar aos estudantes que proponham e testem soluções criativas para os problemas por meio da elaboração de infográficos.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando aos estudantes as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa. Retome a apresentação das campanhas publicitárias trabalhadas na etapa anterior. Selecione algumas das imagens analisadas e peça aos estudantes que apontem caminhos possíveis para superar os discursos e as narrativas expressos. Caso julgue necessário, retome as discussões a respeito do fragmento do texto de Chimamanda Adichie, indicado na etapa 1, no qual a autora aponta algumas saídas para o problema da história única.



2. Inicie uma breve tempestade de ideias questionando os estudantes quais premissas podem ser mobilizadas contra a narrativa das imagens selecionadas (matrizes de pensamento, estereótipos, conceitos filosóficos). Para disparar esse momento, considere as perguntas norteadoras:

- Quais premissas devemos garantir para que se combatam tais narrativas?
- Quais são as fragilidades das narrativas das peças publicitárias?

Anote as principais contribuições. O objetivo desse momento é conduzir os estudantes à reflexão a respeito da fragilidade científica dos estereótipos e de algumas premissas iniciais para combatê-los.



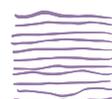
DESENVOLVIMENTO

3. Organize uma aula dialogada a fim de apresentar à turma alguns dados e informações científicas que refutem as matrizes de pensamento que dão origem aos estereótipos. Considere consultar os boxes Saiba mais e Diálogos amazônicos, indicados adiante, e os artigos: [Povos indígenas atualmente: quebre estereótipos | Fundo Brasil](#) e [Somos invisibilizados: indígenas denunciam preconceito nas cidades brasileiras | Karla Mendes | Mongabay](#), que apresentam uma série de dados e gráficos a respeito dos povos indígenas e de suas disputas narrativas contra o preconceito e os estereótipos, a fim de apoiar a mediação com os estudantes. Dê oportunidade para que a turma estabeleça relações entre os dados apresentados e as narrativas presentes nas campanhas publicitárias trabalhadas no Ponto de partida e na etapa anterior.

4. Retome as anotações feitas no Ponto de partida e os mapas mentais elaborados na etapa anterior e realize um debate mediado (ver mais na [Caixa de Metodologias e Estratégias](#)) a respeito das críticas aos estereótipos e de suas bases filosóficas e conceituais, tal como o racismo científico. Esse momento pode ser mediado com perguntas norteadoras:

- Por quais razões o racismo científico pode ser considerado a falsa medida do homem?
- Quais aspectos filosóficos do contexto histórico do século 19 que concedem as bases para estereótipos e discursos redutores da realidade amazônica?
- De que forma alguns povos indígenas confrontam estereótipos e narrativas redutoras?

O objetivo é qualificar e aprimorar as reflexões e as conclusões iniciais sobre as fragilidades científicas e as premissas para o combate aos estereótipos, refletindo sobre as disputas narrativas envolvendo uma história única sobre a Amazônia. Exerça sua presença pedagógica neste momento a fim de garantir que a turma reúna as informações e os dados necessários para a elaboração dos infográficos.



Saiba mais

Leia um trecho do artigo “O racismo científico – a falsa medida do homem”.

Dados, quantificações, estatísticas são necessários para se chegar a uma resposta científica. No entanto, a forma como esses dados são usados pode servir para uma busca pelo desconhecido ou para “provar” uma teoria ou ideologia pré-concebida. Basta ignorar os dados que não corroborem com a teoria e usar os que corroboram para “provar” o que se pensa. Eu poderia, por exemplo, dizer que a água faz mal à saúde, pois 100% das pessoas que bebem água morrem. É evidente o equívoco no caso da água, mas, com estudos mais detalhados, apontando apenas para o que se quer “provar”, é possível demonstrar qualquer coisa. O grande ponto sobre a ciência é que ela pode (e deve) indagar a si mesma. Os cientistas podem buscar por pressupostos culturais e reformular as perguntas a partir de premissas diferentes.

O determinismo biológico foi (mas para algumas pessoas continua sendo) uma doutrina que afirmava que o agir humano, suas características intelectuais, etc., eram transmitidas de maneira hereditária. Algo que possivelmente teve participação na origem de estereótipos como “loira burra”, “baiano preguiçoso”, etc.

A craniometria, nos dois últimos séculos, serviu de base para apoiar o determinismo biológico por meio de dados precisos referentes aos crânios de diferentes “raças” de pessoas, onde se tinha a inteligência tida como uma entidade única, mantida no cérebro e determinada pelo seu tamanho e pelos detalhes na formação do crânio.”

[...]

“Nos séculos XVIII e XIX, não havia dúvida quanto à hierarquização social que devia traçar uma linha de escala intelectual que começava com os brancos europeus, os indígenas abaixo dos brancos e os negros abaixo de todos os outros. Em A Escala Unilinear das Raças Humanas e Seus Parentes Inferiores, de Nott e Gliddon (1868), há comparações feitas em imagens com crânios de negros falsamente alargados para se parecerem com os de chimpanzés, enquanto os crânios dos brancos são considerados “normais” (WESOLOWSI, 2014).

Diálogos Amazônicos

Leia um trecho do artigo “Somos invisibilizados”: Indígenas denunciam preconceito nas cidades brasileiras.

Lugar de indígena é onde ele quiser!

Ao contrário da concepção de muitos brasileiros, que apenas reconhecem a identidade indígena dos povos que vivem na Floresta Amazônica, mais de um terço deles, ou cerca de 315 mil indivíduos, vivem em áreas urbanas.

Durante mais de um ano, mergulhamos nos dados do censo do IBGE e em outras bases de dados para produzir mapas e infográficos inéditos que mostram não só onde moram os indígenas em seis cidades do país, mas também seu acesso à educação, esgoto e outros serviços, além de sua diversidade étnica.



O acesso ao ensino superior é um marco: 81 mil indígenas de uma população de cerca de 900 mil estavam cursando o ensino superior em 2019, o que representa uma proporção muito maior do que a média brasileira no mesmo ano — 9% contra 5,8%, respectivamente (MENDES, 2021).

O artigo [Povos indígenas e a superação da colonialidade para a atuação das ONGs | Daniela Huberty | Observatório da Sociedade Civil](#) também traz informações historiográficas que avaliam criticamente o impacto do colonialismo na produção e reprodução de estereótipos sobre os indígenas.

SISTEMATIZAÇÃO

5. Tendo em vista as conclusões e as reflexões advindas do debate mediado, das informações e das sínteses das etapas anteriores, solicite aos estudantes que, em grupos, elaborem infográficos que comuniquem com criatividade e avaliem criticamente as disputas narrativas envolvendo as regiões amazônicas. Apoie os grupos de forma a garantir que os infográficos contenham:

- os estereótipos selecionados pelo grupo;
- os conceitos e as matrizes de pensamento relacionados aos estereótipos;
- dados e informações científicas que deem conta de refutá-los;
- uma avaliação crítica das disputas narrativas envolvendo as regiões amazônicas.

De olho nas estratégias

Um infográfico deve chamar a atenção, resumir determinado assunto e informar àquelas que o consultam. Ele é um recurso de comunicação visual que pode ser usado para fornecer uma visão geral rápida sobre um tópico, apresentar um conceito complexo, delinear etapas de um projeto ou introduzir informações diversas a partir de um eixo comum (NEDIGER, 2022). A seguir, estão algumas dicas para elaborar um infográfico.

- **Descreva o objetivo do infográfico.** Organize perguntas centrais para seu infográfico e as classifique por ordem de importância: problema premente, pergunta de apoio e perguntas de sondagem).
- **Reúna dados.** Você precisará de alguns dados para auxiliar na resposta de cada pergunta que determinou no momento da definição do objetivo do infográfico.
- **Faça visualizações de dados.** Agora que você tem as perguntas às quais deseja responder e os dados necessários para fazer isso, seu próximo passo é decidir como apresentar esses dados visualmente.
- **Crie o layout usando um modelo de infográfico.** Comece dizendo ao seu leitor o que ele ganhará com seu infográfico (ou seja, transforme o problema premente em seu cabeçalho). Em seguida, inclua os gráficos que abordem as “perguntas de apoio” e, depois, finalize com os gráficos que abordem as “perguntas de sondagem”.
- **Adicione estilo ao design do infográfico para que ele se destaque.** Comece com o texto. Tente manter a simplicidade. Pense em um infográfico como um resumo visual: o texto deve conter apenas o necessário para que seja possível entender os principais conceitos e complementar os visuais. Reduza seu texto para parágrafos curtos em um nível de leitura simples. Depois de resolver a redação, escolha uma



fonte legível para a maior parte do texto e amplie o tamanho e o estilo do cabeçalho principal, dos cabeçalhos de seção e dos dados em destaque para que a essência do seu infográfico fique aparente de imediato. Em seguida, adicione alguns elementos gráficos para dar às suas composições um pouco de ritmo e deixá-las visualmente interessantes (NEDIGER, 2022).

Eixos estruturantes em ação

A habilidade EMIFCHSA07, do eixo Mediação e intervenção sociocultural, é trabalhada na identificação dos estereótipos e problemas decorrentes de sua propagação. Já a habilidade EMIFCHSA08 é aprofundada por meio da seleção de recursos e conceitos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na elaboração dos infográficos. As habilidades do eixo Processos criativos, em especial a habilidade EMIFCHSA06, é trabalhada ao possibilitar que os estudantes proponham e testem soluções criativas para tais problemas por meio dos infográficos.

Avaliação em processo

A avaliação da etapa se dará de forma processual. A elaboração dos infográficos deve ser tomada enquanto um processo que passa pelo aprimoramento e pela qualificação dos mapas mentais da etapa anterior. No Ponto de partida, é possível realizar uma avaliação formativa a respeito da compreensão dos debates e objetivos da etapa anterior. O Desenvolvimento deve possibilitar que os estudantes sejam capazes de analisar as matrizes de pensamento e os conceitos que dão base aos estereótipos, bem como compreender as fragilidades científicas embasados em elementos e dados científicos que os refutem. Considere o debate mediado um momento no qual os estudantes devem demonstrar compreensão dos conceitos necessários para a elaboração dos infográficos. Considerando a aprendizagem baseada em problemas, avalie se os estudantes são capazes de apontar diferentes formas de se enfrentar o problema. Possibilite a autoavaliação dos estudantes por meio da socialização dos infográficos.



ETAPA 4: DISPUTAS NARRATIVAS E COMUNICAÇÃO AMAZÔNIDA

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 6H

ACONTECE NA ETAPA

- Produção de peças publicitárias que argumentem criticamente a respeito dos estereótipos e divulguem as descobertas do módulo



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 6 horas

Nesta etapa, os estudantes vão aprofundar análises críticas sobre os estereótipos a respeito da região amazônica e compreender como as narrativas redutoras da realidade operam como formas de dominação. Por meio da reflexão e da análise de produção artística, os estudantes aprofundarão a habilidade EM13CHS101. As produções deste módulo representam a entrada qualificada dos jovens nas disputas de narrativas sobre as realidades amazônicas, com base em informações e processos científicos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e referidas em experiências amazônicas.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando aos estudantes as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa. Para a sensibilização desta etapa, sugerimos que trabalhe as estruturas de dominação edificadas por meio da construção de estereótipos.
2. Para levantar a questão, trabalhe neste primeiro momento a música [“Belém-Pará-Brasil” | Mosaico de Ravena | Letras](#). Você pode apresentar a letra da música, de autoria de Edmar Rocha (1997), e/ou reproduzi-la para o contato inicial dos estudantes com a obra. Em seguida, em uma roda de conversa, convide-os a indicar na letra as passagens que eles compreendam como críticas aos estereótipos e às narrativas sobre a região amazônica. Conduza essa atividade lançando questionamentos sobre as críticas contidas em determinados trechos da música.



3. Para auxiliar na análise da música, sugerimos como material de apoio o artigo [Ensino e Amazônia: a análise da música “Belém-Pará-Brasil” no desvelamento da colonialidade como crítica socioambiental | Ivone Siqueira et al. | Revista Prática Docente](#). Pela leitura do artigo, é possível compreender as três categorias analíticas propostas pelas autoras para análise da música: ocupação da Amazônia, invisibilidade dos amazônidas e o discurso desenvolvimentista, estereótipos criados sobre a Amazônia e os amazônidas com influência das culturas externas à Amazônia.



DESENVOLVIMENTO

4. Após a sensibilização, os estudantes deverão desenvolver estratégias de comunicação que confrontem os estereótipos a respeito das regiões amazônicas. Para tanto, dê sequência à estratégia de aprendizagem baseada em problemas e mobilize a turma a desenvolver peças publicitárias de forma a solucionar, de maneira criativa e engajada, o problema dos estereótipos.

5. A contextualização da situação-problema apresentada deve estar ancorada no que foi trabalhado nas etapas anteriores e nos resultados das atividades desenvolvidas. Assim, os estudantes devem consultar os quadro-síntese, os mapas mentais e os infográficos elaborados nas etapas anteriores, realizando uma observação crítica desses estereótipos tendo em vista a questão: “Como os estereótipos colocam a região amazônica em situação subalterna?”. Mobilize os estudantes a pensarem sobre a desvalorização da arte, dos saberes, da história e da diversidade amazônica em função de tais estereótipos.

6. Após a contextualização, apresente a situação-problema aos estudantes: “Como queremos ser vistos?” ou “Como queremos que a região amazônica seja vista?”. Para trabalhar a questão, eles poderão ser divididos em grupos para que levantem informações sobre artes, saberes, fatos históricos, curiosidades etc. que eles julguem que devam ser comunicadas em âmbito local, nacional e internacional.

7. Na sequência, os grupos vão desenvolver peças publicitárias nas quais eles apresentem, por um lado, a crítica aos estereótipos e, por outro, o que eles gostariam de apresentar sobre as comunidades ou a região amazônica como contraponto aos estereótipos propagados. Considere apresentar as informações do box Diálogos amazônicos para fornecer parâmetros de peças publicitárias. A produção dos estudantes deve expressar a reflexão deles sobre o conteúdo trabalhado no módulo. Poderão ser desenvolvidos panfletos, jornais, material audiovisual, postagens de redes sociais etc., a fim de expor e apresentar os resultados à comunidade.

Diálogos Amazônicos

Leia o texto a seguir sobre a campanha da página Visibilidade Indígena sobre o Dia do Índio.

Em 2018, o artista visual Denílson Baniwa, 35 anos, escreveu um poema sobre os estereótipos sobre indígenas usados nas escolas no Dia do Índio, comemorado no dia 19 de abril. Juntamente com a página Visibilidade Indígena, ele começou uma campanha espontânea contra atitudes como pintura facial em crianças “com canetinhas hidrocor” e cocares de papel.



Muitas vezes algumas pessoas não reconhecem os índios como eles são atualmente, porque acham que somos como foi reproduzido nas escolas e na televisão: um índio nu, vivendo na natureza. E isso não é mais realidade. Meu poema foi para falar sobre isso, de olhar para o índio de 2019 e não mais para o de 1500”, diz Denilson [...] (VIEIRA, 2019).

O artigo [O estereótipo, a discriminação e o discurso de resistência presentes em memes referente aos povos da Amazônia | Geovânia Maciel e Lusinilda Martins | Moara](#) apresenta alguns exemplos de estereótipos e discriminação presentes em memes referentes aos povos da Amazônia e mostra o ciberespaço como um ambiente aberto de comunicação contra a subalternidade, o que proporciona ao sujeito articular-se, expressar-se e ser ouvido.

SISTEMATIZAÇÃO

8. Finalize o módulo com a apresentação das peças publicitárias à comunidade escolar. Organize uma roda de conversa que estimule a reflexão a respeito de como essas estratégias de comunicação se inserem nas disputas narrativas sobre as regiões amazônicas.

Eixos estruturantes em ação

A habilidade EMIFCHSA09, do eixo Mediação e intervenção sociocultural, é trabalhada na elaboração das peças publicitárias para mediar e intervir nas disputas narrativas relacionadas à criação e propagação de estereótipos sobre a Amazônia e seus habitantes. Já a habilidade EMIFCHSA08 é aprofundada por meio da seleção de recursos e conceitos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na elaboração das peças publicitárias. As habilidades do eixo Processos criativos, em especial a habilidade EMIFCHSA06, são trabalhadas ao possibilitar aos estudantes que proponham e testem soluções criativas para os problemas identificados por meio das peças publicitárias.

Avaliação em processo

A avaliação da etapa se dará de forma processual. A elaboração das peças publicitárias deve ser tomada como um processo que passa pelo aprimoramento e pela qualificação dos infográficos da etapa anterior. No Ponto de partida, é possível realizar uma avaliação formativa a respeito da compreensão dos estudantes acerca dos debates e objetivos da etapa anterior, bem como das relações de poder envolvidas na criação e propagação de estereótipos. O Desenvolvimento deve possibilitar que os estudantes sejam capazes de elaborar peças publicitárias que comuniquem aspectos que refutem e questionem os estereótipos de forma crítica e criativa. Possibilite a autoavaliação dos estudantes por meio da socialização das peças publicitárias na turma, na escola e na comunidade.



MATERIAL DO ESTUDANTE

ETAPA 1 - Situação de aprendizagem 1

O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA

O trecho a seguir foi retirado do livro *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Adichie.

Passei a infância num campus universitário no leste da Nigéria. Minha mãe diz que comecei a ler aos dois anos de idade, embora eu ache que quatro deva estar mais próximo da verdade. Eu me tornei leitora cedo, e o que lia eram livros infantis britânicos e americanos. Também me tornei escritora cedo. Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade — textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler —, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá, não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade. Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre, porque os personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam cerveja de gengibre. Não importava que eu não fizesse ideia do que fosse cerveja de gengibre. Durante muitos anos, tive um desejo imenso de provar cerveja de gengibre. Mas essa é outra história. O que isso demonstra, acho, é quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância. Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Mas tudo mudou quando descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de ser encontrados quanto os estrangeiros, mas, por causa de escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, minha percepção da literatura passou por uma mudança. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia.



[...]

É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras: São Paulo, 2019. *E-book*.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras: São Paulo, 2019. *E-book*. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.

AMPARO, Sandoval dos S. Da invisibilidade da questão indígena na geografia: relato de participação no V Simpósio Nacional e I Internacional sobre Espaço e Cultura. **Revista Estudos e Pesquisas**, Funai, Brasília, v. 4, n. 2, p. 253-277, dez. 2007. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/populacao-indigena/artigos_teses_dissertacoes/artigo_7_sandoval_amparo_da_invisibilidade_da_questao_indigena_na_geografia.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.

A OFENSIVA da ditadura militar contra a Amazônia. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <https://quatrocincom.folha.uol.com.br/br/galerias/a-ofensiva-da-ditadura-militar-contra-a-amazonia>. Acesso em: 16 mar. 2023.

CAMARGO, Suzana. Marca de jeans recebe duras críticas por campanha com modelos brancos desfilando em tribo indígena. **Conexão Planeta**, 15 nov. 2019. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/marca-de-jeans-recebe-duras-criticas-por-campanha-com-modelos-brancos-desfilando-em-tribo-indigena/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

CHIMAMANDA Adichie: o perigo de uma única história. Produção: TED. [S. /], 2009 1 vídeo (19 min 16). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 16 mar. 2023.

FUNDO BRASIL. **Povos indígenas atualmente**: quebre estereótipos. Fundo Brasil [Blog]. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/povos-indigenas-atualmente-quebre-estereotipos/>. Acesso em: 28 mar. 2023.

HUBERTY, Daniela Silva. Povos indígenas e a superação da colonialidade para a atuação das ONGs. **Observatório da Sociedade Civil**, São Paulo, 4 nov. 2019. Disponível em: <https://observatoriosc.org.br/povos-indigenas-e-a-superacao-da-colonialidade-para-a-atuacao-das-ongs/>. Acesso em: 16 mar. 2023.



MACIEL, Geovânia de S. A.; MARTINS, Lusinilda C. P. O estereótipo, a discriminação e o discurso de resistência presentes em memes referente aos povos da Amazônia. **Moara** – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, Pará, n. 54, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8120>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MENDES, Karla. “Somos invisibilizados”: Indígenas denunciam preconceito nas cidades brasileiras. **Mongabay**, 12 abr. 2021. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2021/04/somos-invisibilizados-indigenas-denunciam-preconceito-nas-cidades-brasileiras/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

NEDIGER, Midori. Como fazer um infográfico em 5 passos. **Venngage**, 4 maio 2022. Disponível em: <https://observatoriosc.org.br/povos-indigenas-e-a-superacao-da-colonialidade-para-a-atuacao-das-ongs/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

OLIVEIRA, Arthur Henrique de. Amazônia: naturalistas-viajantes, racismo científico e a inferioridade de indígenas e negros. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 7, ed. 2, vol. 5, p. 158-182, fev. 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/indigenas-e-negros>. Acesso em: 16 mar. 2023.

REIS JÚNIOR, Dalmir. Toddy (Concurso Índios) – 1967. **Propagandas Históricas**. Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/08/toddy-concurso-indios-1967.html>. Acesso em: 16 mar. 2023.

RIBEIRO, Paulo Henrique P. Determinismo biológico. **Infoescola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/determinismo-biologico/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

ROCHA, Edmar. **Belém-Pará-Brasil**. Mosaico de Ravena, 1997. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mosaico-de-ravena/268048/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SENA, Ailton. Darwinismo social. **Educa Mais Brasil**, out. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/darwinismo-social>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SENA, Ailton. Principais características da cultura afro-brasileira. **Guia Enem**, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/antropologia/principais-caracteristicas-da-cultura-afro-brasileira>. Acesso em: 16 mar. 2023.



SIQUEIRA, Ivone dos S. *et al.* Ensino e Amazônia: a análise da música “Belém-Pará-Brasil” no desvelamento da colonialidade como crítica socioambiental. **Revista Prática Docente**. Instituto Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, v. 5, n. 3, p. 2.069-2.087, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/810/424>. Acesso em: 16 mar. 2023.

VIEIRA, Bárbara Muniz. Indígenas lançam campanha contra estereótipos para o Dia do Índio: “Não precisamos de outras pessoas para nos definirem”. **G1**, 19 abr. 2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/04/19/indigenas-lancam-campanha-contra-estereotipos-para-o-dia-do-indio-nao-precisamos-de-outras-pessoas-para-nos-definirem/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

WENZEL, Fernanda. “A Amazônia já era!”: como a imprensa glorificou a destruição da floresta na ditadura militar. **Instituto Humanitas Unisinos**, 4 out. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603474-a-amazonia-ja-era-como-a-imprensa-glorificou-a-destruicao-da-floresta-na-ditadura-militar>. Acesso em: 16 mar. 2023.

WESOLOWSKI, Patrick. O racismo científico – a falsa medida do homem. **Portal Geledés**, 5 ago. 2014. Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-racismo-cientifico-falsa-medida-homem/?gclid=CjwKCAiA2fmdBhBpEiwA4CcHzc2_F5azldrSn7V7V1T1YNLW3IxLMrTWSGRzTEWqYd7NBObPwnXjORoC6JwQAvD_BwE. Acesso em: 16 mar. 2023.





itinerariosamazonicos.org.br

